

A HERANÇA ELEATA E A AMBIGÜIDADE DO NÃO-SER NO MATERIALISMO ANTIGO*

THE ELEATIC HERITAGE AND AMBIGUITY OF
NO-BEING IN ANCIENT MATERIALISM

JOÃO QUARTIM DE MORAIS**

Resumo: Melisso sustentou que o ser é compacto e infinito; se fosse uma esfera finita, como Parmênides pretendia, mais além desta haveria o vazio, portanto, o não-ser seria. Conseqüência absurda na ontologia eleata, da qual Leucipo e Demócrito retiveram os atributos do ser, mas transpondo-os à dimensão microcós mica: os corpúsculos elementares são finitos quanto à magnitude e infinitos quanto ao número, movendo-se sobre o pano de fundo do vazio. Examina-se, notadamente, como essas questões são tratadas na física de Epicuro.
Palavras-chave: atomismo, ser, não-ser, epicurismo.

Abstract: Mellissos argued that the being is both compact and infinite; were it a finite sphere, as Parmenides sustained, there would be beyond it the emptness, therefore the the non-being would be. This is an absurd consequence found in the eleatic ontology, from which Leucippus and Democritos retained the attributes of the being, transposing them to a microcosmic scale: the elementary corpuscles are finite in regards to their magnitude, and infinite in number, moving against the backdrop of emptness. We examine, in particular, how these questions are treated in the physics of Epicures.

Key-words: atomism, being, no-being, epicurism.

1. O VAZIO E O PLENO

Desde Aristóteles, é freqüente, entre os comentadores do atomismo, vinculá-lo às exigências para pensar o ser enunciadas por Parmênides, que teriam sido transferidas por Leucipo e Demócrito aos sólidos elementares.¹

* João Quartim de Moraes é professor da Universidade Estadual de Campinas, SP. E-mail: quatis@uol.com.br

* *O presente estudo foi inicialmente elaborado em 2001-2002, no âmbito de um projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, e retomado em 2003, com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq. Registro meu reconhecimento às duas agências de fomento à pesquisa.

¹ Gaston Bachelard cita Léon Robin a propósito da influência dos eleatas sobre Leucipo e Demócrito. Ver *Les intuitions atomistiques*, Paris, Bovin, 1933, p. 42. Ver também LONG, Anthony A.,

É o que nos assinala conhecida passagem do *De generatione* (I, 8, 325 a 23-32):

Leucipo acreditou encontrar um argumento que [...] não suprimisse a geração e a corrupção, nem o movimento, nem a multiplicidade dos entes. Pondo-se de acordo com os fenômenos neste reconhecimento, concorda com os que afirmam o Uno em que não poderia haver movimento sem o vazio, e que o vazio é não-ente, e nada do que é ente pode ser não-ente. Porque o ser, no sentido mais próprio, é plenitude completa; porém, assim constituído, ele não é uno, mas infinito em quantidade e invisível por ter ínfimo tamanho. E eles são transportados através do vazio (posto que há o vazio) e, juntando-se, produzem a geração; desagregando-se, a corrupção.²

Nesta comparação, extremamente condensada, dos pressupostos ontológicos do eleatismo e do atomismo, a premissa entre parênteses no texto original (“posto que há o vazio” — *κενὸν γὰρ εἶναι* — 325, a 31) é, evidentemente, de Leucipo. Aristóteles refere-a criticamente, como suposição da doutrina que está expondo e refutando, ao passo que o princípio “o vazio é não-ente, e nada do que é ente pode ser não-ente” refere-se aos eleatas. Na célebre exposição de *Met. A*, 3, Aristóteles mostra como a unilateralidade das teses dos primeiros filósofos, que determinaram integral (os jônicos) ou parcialmente (Heráclito, Empédocles) o “princípio” (*archê*) como ἕλη, foi sendo progressivamente ultrapassada por seu próprio percurso dialético. Encontramos um percurso semelhante na caminhada dialética que, através de Melisso, leva de Parmênides ao atomismo.

No interior do eleatismo, com efeito, Melisso opôs-se a Parmênides argumentando que se o ser, além de pleno, eterno, imutável, fosse uma esfera finita, como ele sustentava, haveria o vazio, portanto, mais além da esfera do ser, o não-ser seria. Para ser conseqüente com o princípio de que o ser é e o não-ser não é, cumpre admitir que o ser é infinito não somente quanto à duração, mas também quanto à magnitude. Tais são, respectivamente, os argumentos do fragmentos 7 e dos fragmentos 8 e 14:

(Frag. 7) Posto que ele (o ser) não veio a ser, mas é, ele sempre foi e sempre será, não tendo começo nem fim, mas sendo infinito. Pois se tivesse vindo a ser, teria tido um começo (já que aquilo que vem a ser teve um começo) e terá um fim (já que aquilo que veio a ser terá um fim); se nunca teve começo nem veio a ter fim, sempre foi e sempre será; não tem começo nem fim; mas é impossível que algo que não seja o todo deva ser sempre (Frag. 8). Mas como ele é desde sempre, é necessário que seja também sempre infinito em magnitude (Frag. 14). Nem há vazio algum, porque o vazio nada é e aquilo que nada é não pode ser. Nem (o ser) pode mover-

Hellenistic Philosophy, 1975, tradução espanhola *La filosofía helenística*, Madrid, Alianza Editorial, 1984, p. 43 e MONDOLFO, Rodolfo, *O pensamento antigo*, v. I, 3 ed., 1971, São Paulo, Mestre Jou, pp. 115-116.

² *De generatione*, I,8, 325 a 23-32. Adoto a tradução “ente” sempre que o contexto torna ambígua a tradução de τὸ ὄν por ser, notadamente na presença de εἶναι.

se, já que é pleno; pois se houvesse vazio, ele poderia ir para o vazio, mas, como não há vazio, ele não tem para onde ir.³

O atomismo retoma dos dois eleatas o princípio de que o ser, no sentido mais próprio, é plenitude completa. Transpondo para a dimensão microcós mica o ser macrocós mico de Parmênides, Leucipo e Demócrito dele retêm a tese de que o ser é finito quanto à magnitude, mas sustentam porém que é infinito em número: em vez de um só megaátomo, admitem infinitos corpúsculos simples. Concordam com a crítica de Melisso, mas assumem-lhe a conseqüência: se o ser é finito quanto à magnitude, há o vazio, sobre cujo pano de fundo os átomos se movem. Só se inspiraram na ontologia eleata relativamente à plenitude completa dos átomos. Mas, ao erigirem o vazio um não-ser, em condição do movimento dos átomos e conferindo-lhe uma certa positividade, eles romperam não só com Parmênides, mas também com Melisso e toda a corrente eleata, para a qual o não-ser designava estritamente um *nihil negativum*. Puseram-se, assim, de acordo com os fenômenos, como notou Aristóteles. Mas, diferentemente deste, puseram também o infinito em ato.

Vale lembrar que o tema do infinito aflorara desde o ἀπειρον⁴ de Anaximandro. Mas a infinitude do “ilimitado” é negativa, como a universalidade do devir (*panta rei*) de Heráclito, que o simbolizou pelo fogo que tudo consome, inclusive a si próprio, e pelo fluir da água, que ilustra a radical alteridade do aqui e do agora.⁵ Essas doutrinas, com efeito, não admitem

³ Citamos estes fragmentos, cuja fonte é SIMPLICIUS, Simplicius's Account of Melissos, including the Translation of the Fragments, Arthur Fairbanks ed. and trans., in *The First Philosophers of Greece* (London: K. Paul, Trench, Trubner, 1898), 120-131; Hanover Historical Texts Project. Scanned and proofread by Aaron Gulyas, May 1998 [Proofread and pages added by Jonathan Perry, March 2001]; BURNET, J. *Melissus of Samos*, in *Early Greek Philosophy; Exploring Plato's Dialogues* (a virtual learning environment on the world-wide web), assim comenta a crítica de Melisso a Parmênides: “Melissus did indeed differ from Parmenide in holding that reality was spatially as well as temporally infinite; but he gave an excellent reason for this belief, and had no need to support it by such an extraordinary argument. What he said was that, if it were limited, it would be limited by empty space. This we know from himself, and it marks a real advance upon had thought it possible to regard reality as a finite sphere, but it would have been difficult for him to work out this view in detail. He would have had to say there was nothing outside the sphere; but no one knew better than he that there is no such thing as nothing. Melissus saw that you cannot imagine a finite sphere without regarding it as surrounded by an infinite empty space; and as, in common with the rest of the school, he denied the void (fr. 7), he was forced to say reality was spatially infinite (fr. 3). It is possible that he was influenced in this by his association with the Ionic school”.

⁴ Também Anaxágoras de Clazomenas, segundo Aristóteles, “disse que o princípio ἀπειρους εἶναι φησι τὰς ἀρχάς, *Metafísica*, A, 984 a 11-13. A diferença relativamente a Anaximandro está em que este concebia o ἀπειρον como “o” princípio *natura naturans* qualitativamente indeterminado, enquanto aquele atribuía a infinitude às homeomerias.

⁵ Platão, no *Teeteto*, 181a, chama os discípulos de Heráclito de τούς πέρουτας.

claramente o infinito em ato, aproximando-se, antes, do que Aristóteles designará por infinito em potência, divisibilidade ilimitada do contínuo, continuidade infinita do movimento circular das esferas. Para o atomismo, a evanescência do finito analisa-se como decomposição dos aglomerados de corpos simples e não como alteridade radical, já que repousa na plena e permanente atualidade do infinito, a da vastidão ilimitada do vazio, e, principalmente, a da infinitude quantitativa dos átomos. A introdução do infinito em ato rompe com as doutrinas cosmológicas predominantes no pensamento helênico (o universo é um complexo finito de esferas concêntricas).

A originalidade das filosofias manifesta-se ostensivamente na resposta que oferecem às perguntas sobre os princípios ou fundamentos, sobre as idéias e a matéria etc. Menos aparente, mas igualmente importante, é a interpretação que propõem do vocabulário do ser. No início do Livro III da *Física*, Aristóteles declara que “sem lugar, sem vazio, sem tempo, o movimento é impossível”⁶. Tal é, ao menos, a opinião corrente.⁷ Mas o estudo ali anunciado, após definir o movimento e discutir o infinito (posto que todo movimento é contínuo e a consideração do contínuo exige a do infinito) no Livro III, e examinar, no Livro IV, o lugar, o vazio e o tempo, mostrará que cada uma destas noções tem um estatuto ontológico distinto. O vazio (κενόν) não é no sentido ontologicamente radical da negação (*nihil negativum*). Conferir-lhe positividade implicaria admitir um lugar infinito em ato. A definição “nominal” do vazio, “lugar onde não há nada”, não passa de uma palavra sem correlato na φύσις. Aristóteles, sabemos, define lugar (τόπος) como “limite imóvel imediato do corpo envolvente”.⁸ Como Melisso, ele também nega o vazio, mas para sustentar, ao contrário do eleata, que o cosmos é uma esfera “finita”, algo como o lugar de todos os lugares.

Já a física atomista se aproxima de Melisso ao sustentar a infinitude do ser, mais exatamente dos entes (átomos), mas dele se afasta na medida em que, tendo rompido com o *tertius non datur* da ontologia eleata, afirma que o vazio, um não-ser, é. Recusa implicitamente a definição nominal aristotélica que comanda a demonstração da inexistência do vazio: ele “não é” um “lugar”, se por este termo entendermos um “limite”. Segundo o princípio fundamental da cosmologia epicurista exposto na *Carta a Heródoto*, τὸ πᾶν ἔστι σῶματα

⁶ *Física*, III, 200 b, 20-21.

⁷ O argumento, que começa em 200 b 16, é introduzido por um δοκεῖ, que permanece implícito em 20-21. Edward Hussey, em sua tradução (*Aristotle's Physics*, Books III and IV, Oxford University Press, 1983, p. 1), coloca entre colchetes [it is thought] para abrir a afirmação de que “there cannot be change without place and void and time” (b21-22).

⁸ *Phys.*, IV, 4, 212 a 20-21.

καὶ κενόν (o todo é [constituído de corpos e vazio]),⁹ portanto o lugar (infinito) de todos os lugares finitos (delimitados pela superfície externa dos aglomerados atômicos). É verdade que o predicado entre colchetes [σώματα καὶ κενόν], constitui uma correção de Gassendi¹⁰, mas mesmo que lêssemos apenas que o todo é, τὸ πᾶν ἔστιν (enunciado de clara ressonância eleática¹¹, o fundo do raciocínio permaneceria o mesmo: o todo é e no todo há somente corpos e o vazio. Notemos desde logo que, contrariamente a Aristóteles, para o qual o vazio é um *nihil negativum*, Epicuro compreende-o como um não-ser “por onde” os seres se movem, portanto como um *nihil positivum*, noção absurda para um eleata, segundo o qual, entre ser e não-ser, *tertius non datur*.

2. SENTIDOS DO SER E DO NÃO-SER NO ATOMISMO

Quer entendamos “o todo é” como frase completa (τὸ πᾶν ἔστιν), conferindo ao verbo ser valor existencial, quer, conforme a largamente predominante lição de Gassendi, como sujeito do predicado “constituído de corpos e vazio” (em que se atribui ao verbo a função de cópula predicativa), os princípios da física de Epicuro refletem as dificuldades próprias à polissemia do ser no vocabulário do materialismo antigo. Quer as consideremos como questões semânticas (para os kantianos, por exemplo, o espaço vazio é uma forma pura da sensibilidade; “não é” uma coisa em si), quer como próprias às ontologias para as quais (a) entre ser e não-ser, *tertius datur*, (b) os seres não se dividem em aparências imanentes e essências transcendentais, o verbo *ser* apresenta, com efeito, cinco significações distintas nos enunciados fundamentais atomismo epicurista:

1- o todo é

⁹ Carta a Heródoto, § 39.

¹⁰ A correção de Gassendi, σώματα καὶ κενόν, corresponde tanto ao sentido da frase quanto ao fundo do argumento. Usener preferiu σώματα καὶ τόπος. Lição seguida por FRANCESCO ADORNO, *Epicuro. Lettere sulla fisica, sul cielo e sulla felicità*, Milão, Biblioteca Universale Rizzoli, 1994, pp. 20-22, especialmente a nota 12, em que justifica, sem convencer, sua opção. Todas estas lições têm apoio em outras passagens dos textos remanescentes de Epicuro e na doxografia antiga. Por exemplo, PLUTARCO, no *Contra Colotes em defesa dos outros filósofos* (*Adversum Colotes* no título latino resumido; o título grego original é *προς κωλωτην υπερ των αλλων φιλοσοφων*), atribui ao epicurismo a tese de que ἡ τῶν ὄντων φύσις σώματά ἐστι καὶ τόπος (1112, e) e logo adiante, τὴν τῶν ὄντων φύσιν σώματα εἶναι καὶ κενόν (1114, a).

¹¹ Tal é a opção de JEAN-FRANÇOIS BELAUDÉ, *Épicure. Lettres, maximes, sentences*, Paris, Librairie Générale Française, 1994, pp. 66-68 e 154, que não aceita nem a correção de Gassendi, nem as posteriores, lendo apenas “o todo é”.

- 2- os corpos simples são
- 3- os corpos compostos são
- 4- o vazio é
- 5- os demais incorpóreos não são

(1) O todo é e se compõe de corpos + vazio, portanto de seres plenamente positivos e de um não-ser positivo. Pode parecer paradoxal que o ser do todo tenha menos consistência que o do fundamento. Claro que o vazio, tal como o entende Epicuro (como infinito em ato), está parcialmente pleno (de átomos) e parcialmente vazio. A tradução usual de *κενόν* por vazio é, pois, um tanto imprópria na física atomista, já que implica dizer que só estão vazias as partes do vazio onde não há corpos. A tradução por “espaço” oferece um melhor sentido para denotar o uso substantivado τὸ κενόν, “vazio” dando conta de seu sentido adjetivo. A expressão “espaço vazio” é perfeitamente unívoca.

(2) Os corpos simples “são” num sentido incomensuravelmente mais forte do que os compostos, os quais são, mas também passam, deixando, portanto de ser. Declarar “só os corpos são” implicaria não somente negar o vazio quanto renunciar a identificar o princípio, confundindo as configurações transitórias do devir (em que se apóiam sofistas e céticos para negar objetividade ao conhecimento) com a plenitude dos seres. Tal foi a razão que levou os materialistas antigos a vincular a tese de que só os corpos são à de que os corpos fundamentais são átomos. O ser é a infinita multiplicidade de corpúsculos simples, eternos, insecáveis, “incompressíveis”, exclusivamente determinados pela extensão e pelo formato.

(3) A distinção entre corpos simples e compostos opõe aqueles que estão sujeitos ao devir (todos os que afetam nossos sentidos) àqueles que não estão e, por isso mesmo, constituem, como dirá Lucrecio, a “natureza das coisas”. Note-se, entretanto, que Epicuro critica Demócrito por negar objetividade às qualidades sensíveis. Se todos os compostos de que temos sensação formam-se por agregação e corrompem-se por desagregação dos corpúsculos simples, nossas sensações pertencem à esfera da física dos compostos, em perpétuo devir.

(4) No atomismo, o vazio “não é” no sentido de que carece absolutamente de determinações: *é* um nada, não-ser. Se perguntarmos o que ele é, o vazio “não é nada”. Na linguagem corrente, com seu alto teor de imprecisão, tanto faz dizer “isso é nada” ou “isso não é nada”. Basta, entretanto tratar *nada* como sujeito para que se manifeste o caráter contraditório das proposições “o nada é” (*nihil positivum*) ou “o nada não é” (*nihil negativum*). Mas ele condiciona o movimento dos corpos. Sem ele, os átomos permaneceriam

imóveis e o todo não passaria de uma massa infinita em repouso eterno. Como, porém, a evidência sensível nos mostra que tudo está em movimento, infere-se que há o vazio e, portanto, que o ser supõe o não-ser, entendido, claro, como *nihil positivum*. Para a física aristotélica, baseada na tese de que o cosmos é uma esfera finita e densa, o vazio *não é* no sentido ontologicamente radical do termo: um lugar onde não há nada *não é nada*: não há vazio (*nihil negativum*). Mas *não é* no mesmo sentido em que o átomo *é*; ele *é* um nada, não-ser. O fundamento filosófico dessa discrepância é a afirmação, neste, e a negação, naquele, do infinito em ato.

(5) Os demais incorpóreos não são absolutamente. Nisto consiste, notamos, o fundo comum dos materialismos antigo e moderno. Epicuro não declara, no entanto, que os incorpóreos não são, já que o vazio, um incorpóreo, também é, embora num sentido evidentemente distinto do ser dos corpos. Por isso, ele não pode completar a declaração de que os corpos são pela de que os incorpóreos não são.

Um dos mais notáveis registros que até nós chegaram do debate filosófico do final do século I e início do século II de nossa era acerca das dificuldades do discurso atomista sobre o ser está na réplica de Plutarco aos comentários críticos dirigidos contra Parmênides por Colotes de Lâmpsaco, um dos mais diletos discípulos de Epicuro (nascido *circa* 320, vinte e um anos depois do Mestre). Colotes sustenta que Parmênides suprimiu todas as coisas (πάντα ἀναιρέϊν)¹² ao dizer que o ser é o uno. Plutarco admite haver dificuldade em compatibilizar a unicidade com a vida, mas pretende que ela também se encontra em Epicuro, o qual “trata o todo (τὸ πᾶν) como uno” e, no início de seu tratado sobre a natureza, declara que esta “é” átomos e vazio, dividindo-a em duas partes, uma que não é nada, embora designada por (termos como) intangível, vazio e sem corpos”.¹³ Ao passo que Parmênides não suprime o todo em sua diversidade, mas insere o que é relativo ao pensamento na idéia de uno e de ente (τοῦ ἐνός καὶ ὄντος ἰδέαν τίθεται τὸ νοητόν) chamando-o ente por ser eterno e incorruptível e uno por ser igual a si próprio e não admitir nenhuma diferença em si mesmo; insere, de outro lado, o que cai sob a sensibilidade (τὸ αἰσθητόν) no movimento desordenado).¹⁴

¹² PLUTARCO, *Contra Colotes*, 1114 D. A data mais provável da composição do texto é 98-99, quando L. Herenius Saturninus, a quem ele é dedicado, exercia o cargo de procônsul na Acaia.

¹³ *Ib.*, 1114 A.

¹⁴ *Ib.* 1114, D.

A solução eleata consistiria, pois, segundo Plutarco, numa distinção terminológica fundamentada na separação entre o mundo das idéias e o das aparências. A diversidade que cai sob os sentidos não merece o léxico do ser, mas uma designação diferente (ἐτέρως [...] προσηγορίας) daquela própria ao que sempre é (τοῦ ὄντος ἄει).¹⁵ Mas se Plutarco tivesse razão, não entenderíamos por que Platão dramatizou sua ruptura com Parmênides, falando em “parricídio”, exatamente ao recusar o princípio ontológico de que, entre ser e não-ser, *tertius non datur*.

3. O FUNDAMENTO: CORPO OU ÁTOMO?

Ao reconhecer em Epicuro um grande precursor, a filosofia materialista tem em vista a tese de que só os corpos são, mas “não” a de que os seres fundamentais são os átomos, no sentido em que os entendia a física antiga: corpos simples, inseparáveis, eternos, de cuja junção se geram e de cuja separação se corrompem os corpos compostos. Com efeito, irreversivelmente pós-kantiana (não no sentido de incorporar o idealismo subjetivo da crítica transcendental, mas no de negar a possibilidade de um conhecimento especulativo da natureza), ela não pretende decidir se os corpos são ou não divisíveis ao infinito. A descoberta de que os átomos são microcosmos complexos em que interagem partículas carregadas de energia, portanto de que não são “átomos” no sentido originário do termo, desacreditou a idéia de que a matéria é composta de corpúsculos eternos e imutáveis. Um atomista metafísico poderia replicar que, na verdade, os átomos, no sentido próprio, são os prótons, os elétrons, os nêutrons. Mas o princípio da conservação da energia tornou irrelevante a especulação a respeito do substrato último da matéria (o que evidentemente não inibe a constante descoberta de novas partículas sempre mais elementares, designadas por neologismos científicos como *positrons*, *hadrons*, *leptons*, *quarks* etc.).

Para Epicuro, porém, a constatação de que das estrelas às gotas de chuva, das rochas de granito aos grãos de areia, os agregados corpóreos se volatilizam (os de maior estabilidade apenas se esvaem ou desfazem mais lentamente do que os mais instáveis e indefinidos) remetia à mais antiga questão da filosofia helena, formulada pela primeira vez, segundo a tradição, por Tales de Mileto: identificar o substrato permanente do perpétuo fluxo do devir. Com efeito, no início da *Carta a Heródoto*, após incitar o discípulo a submeter as noções verbais (τὰ ὑποτεταγμένα τοῖς φθόγγοις, literalmente,

¹⁵ *Ib.*, 1114 E.

o que está posto sob os sons)¹⁶ ao crivo das sensações, passa a considerar o que é imperceptível.¹⁷

O testemunho da sensação, com efeito, comprova apenas haver corpos, mas não átomos, que são imperceptíveis. Impõe-se, pois o recurso ao raciocínio especulativo (τῷ λογισμῷ) cujo critério, entretanto, é não contrariar as sensações, as quais nos mostram que nada nasce do que não é; porque (caso contrário) tudo nasceria de tudo, sem nenhuma necessidade de sementes. E se aquilo que desaparece fosse reduzido ao não-ser, todas as coisas teriam perecido, posto que teriam se dissolvido em não-seres. O todo sempre foi tal como ele é agora, e será sempre tal; com efeito, de um lado, não há nada para onde ele possa se transportar, e de outro lado, fora do todo não há nada que, nele se introduzindo, possa aí produzir a mudança.¹⁸

Em seguida, enuncia e justifica a já referida tese fundamental de que no todo há somente corpos e o vazio. “...Que os corpos são, mostra-o a todos, com efeito, a própria sensação” (σώματα μὲν γὰρ ὡς ἔστιν, αὐτὴ ἢ αἰσθησις ἐπὶ πάντων μαρτυρεῖ.¹⁹ Quanto ao vazio, sem ele os corpos não teriam onde estar nem por onde se mover, mas a sensação mostra que eles se movem.²⁰ A exposição não segue uma ordem geométrica. Com efeito, é perfeitamente possível sustentar, como o faz Aristóteles, que os corpos se movem num universo finito e circular, interpenetrando-se, transmutando-se e deslocando-se de um lugar para outro, sem necessitar de um vazio. Este só se torna necessário se admitimos, com os atomistas, que os corpos simples não são “compressíveis”, nem interpenetráveis, nem sujeitos a transmutações²¹ e que, mesmo quando intimamente agregados em corpos compostos, deixam sempre um intervalo mínimo entre eles. Para demonstrar que sem o vazio não há movimento, não basta, pois, que haja corpos, é preciso que eles se componham de corpúsculos absolutamente compactos e

¹⁶ Carta a Heródoto, § 37.

¹⁷ Epicuro escreveu ἀδῆλων (*ib.*, § 38), que se traduz habitualmente por invisível. Literalmente o termo significa “o que não se mostra”. Aqui, evidentemente, o termo refere-se ao que não se mostra a nenhum de nossos órgãos sensoriais, ao que não é “perceptível”, e não apenas aos corpúsculos invisíveis *stricto sensu*, mas que percebemos pelo olfato, pela audição etc.

¹⁸ A interpretação em que se baseia a frase final desta tradução (“O todo...”) é de Jacques Brunschvig, em seu estudo “O argumento de Epicuro a respeito da imutabilidade do todo”. A tradução do artigo do francês para o português é minha. O termo τὸ πᾶν denota, no vocabulário de Epicuro, a totalidade absoluta, que inclui os corpos e o vazio.

¹⁹ Carta a Heródoto, § 39.

²⁰ Carta a Heródoto, § 40. ARISTÓTELES, na *Física* (I, 2, 185 a 13-14), declara o movimento evidente a partir da indução.

²¹ Não basta, pois notar que “*pour que les corps se meuvent, il ne faut pas qu’il y ait seulement des corps: en conséquence, le mouvement que l’on voit ne peut s’expliquer que par un deuxième élément qui entrera dans le tout, soit le vide*” (cf. BALAUDÉ, *ib.*, pp. 67-68). O vazio só se torna indispensável ao movimento ao supormos que os corpos simples são eterna e absolutamente imutáveis.

insecáveis, isto é, *átomos*. Entretanto, a despeito de denotar o fundamento de tudo que se manifesta, o termo “átomo”, só aparece mais adiante, quando ele explica que, dentre os corpos, uns são compostos (συγκρύσεις), outros são (aqueles) por meio dos quais os compostos são produzidos (ἐξ ὧν αἱ συγκρύσεις πεποιήνται). Estes são insecáveis (ἄτομα) e imutáveis (ἀμετάβλητα), se não quisermos admitir que tudo se dissolve no não-ser (πάντα εἰς τὸ μὲν ὄν φθάρθησθαι) e sim que, na dissolução dos compostos subsistem seres compactos por natureza, e que não têm nem por onde nem como serem decompostos. É, pois, necessário que os princípios insecáveis (ἀρχὰς ἄτομους) sejam a natureza dos corpos.²²

Note-se (a) que nesta passagem literalmente fundamental, o termo átomo aparece, ao lado de ἀμετάβλητον (imutável), como um “adjetivo” que qualifica “corpos simples e princípios”; (b) que a demonstração de que há corpos simples procede, uma vez mais τῷ λογισμῷ. O testemunho da sensação nos mostra apenas corpos. A distinção dos corpos em simples e compostos é uma inferência sobre o imperceptível, apoiada num raciocínio por absurdo (se não quisermos admitir que tudo se dissolva no não-ser), que completa aquele, já referido, sobre a imutabilidade do todo. Se aquilo que desaparece não mergulha no nada, é porque o desaparecimento é apenas a separação dos corpos simples que estavam agregados num composto.

Vale ainda notar que a física aristotélica pode, coerentemente, negar o vazio num universo finito de esferas concêntricas (em que a condição material do movimento é a constante transmutação do quente, do frio, do seco e do úmido), mas na perspectiva do infinito, ela permanece vulnerável à crítica que Melisso dirigiu a Parmênides: mais além da “última esfera”, não há nada? ou há o nada? Se optarmos pelo segundo termo da alternativa, estaremos reconhecendo que, em algum sentido, o nada (= vazio) é.

4. ATOMISMO E MATERIALISMO

Se o termo latino *materia* traduz adequadamente ὕλη, ele não é o mais adequado para caracterizar a filosofia de Epicuro, bem como as de Leucipo e de Demócrito. Aristóteles notou em *Metafísica*, A, 3, que “a maioria dos primeiros filósofos considerava os princípios únicos de todas as coisas em termos de matéria”.²³ Com efeito, dizer que o princípio da φύσις é água,

²² *Carta a Heródoto*, § 40-41. O argumento pressupõe que um corpo infinitamente pequeno seria um não-corpo, um nada.

²³ O texto aristotélico diz ὅτι πλείστοι τὰς ἐν ὕλης εἶδει μόνους ᾗθησαν ἀρχὰς εἶναι πάντων, *Metafísica*, A, 3, 983 b 7-8. A tradução literal do sintagma que mais nos interessa,

ar, fogo, homeomerias, quatro elementos, átomo, parece remeter ao mesmo tipo de explicação que Aristóteles considera unilateral, tanto mais que, para ele, é a essência ou forma que constitui, sobretudo, o princípio. Por isso, de sua perspectiva, não parecia importante pôr em evidência as inovações de Leucipo e Demócrito relativamente aos demais, a saber, a redução da “matéria” a corpos (σώματα) simples, compactos e indestrutíveis, infinitos em número, exclusivamente determinados pela extensão e pelo formato.

Os historiadores modernos da filosofia antiga marcam a diferença entre os primeiros filósofos jônicos e os atomistas classificando aqueles como “hilozoístas”, termo derivado de *hýle*, o referente heleno do termo latino *materia*, e de *ζοή* (vida). A designação é pertinente exatamente porque põe em evidência, segundo o pensamento daqueles primeiros filósofos, a inerência do “princípio vital” à matéria inerte: ὕλη na linguagem corrente significava tanto o bosque, vegetação viva, quanto a lenha, madeira morta. A rigor, pois os “materialistas” antigos eram os jônicos. Provavelmente para marcar a ruptura com este “materialismo vitalista”, Epicuro evitou o termo ὕλη, que só comparece duas vezes, em seus textos remanescentes, ambas na *Carta a Pitócles* (num contexto de menor relevância, em que se refere à “matéria apropriada”). Preferiu designar o princípio por σῶμα (corpo), palavra-chave em seu pensamento porque marca a ruptura com o *hilozoísmo*, isto é, com a idéia de que a matéria é intrinsecamente animada e, portanto com a tese de que a vida e o pensamento são princípios originários e coextensivos à natureza corpórea.²⁴

O atomismo antigo é, pois um “somatismo”, isto é, uma física ontologicamente anterior à vida, a qual, como o pensamento e os próprios mundos, passa a ser interpretada como mero fenômeno, correspondente à agregação, decomposição e recomposição dos corpúsculos elementares, “que não são vivos” no sentido próprio do termo. Conseqüência decisiva, que não tem sido devidamente enfatizada nem pela maioria dos comentadores do atomismo, inclusive os de maior nomeada. A φύσις atomista desdobra-se, pois numa metafísica dos corpos simples, seres fundamentais (a partir dos quais os viventes se engendram), e numa fenomenologia dos compostos. Tal

ἐν ὕλης εἶδει, por “na espécie de matéria”, não satisfaz inteiramente: espécie sugere forma. O sentido, entretanto, parece claro: dentre as modalidades possíveis de princípio, os primeiros filósofos privilegiaram as materiais.

²⁴ É verdade que, como ὕλη, σῶμα designava também os viventes, na linguagem corrente. A história das idéias apresenta muitos outros exemplos conhecidos de alteração do valor semântico de um significante em função da necessidade de distinguir conceitos. Reconhecemos, pois que o par greco-latino *soma/corpus* também foi afetado por uma deriva semântica semelhante à que sofreu o par *hýle/materia*.

como utilizado no materialismo contemporâneo, o significado do termo “matéria” resulta, pois de duas derivas semânticas conexas, que afetaram os pares greco-latinos *hýle/materia* e *soma/corpus*. Seu sentido principal corresponde àquele conferido por Epicuro à palavra *soma=corpus*,²⁵ denotando uma posição de princípio sobre o fundamento da natureza: ele é imanente àquilo que se reflete em nossos sentidos.

O uso do termo é recorrente entre os físicos atuais, os quais, no entanto, sintomaticamente, não o tratam nem exatamente como um princípio filosófico, nem propriamente como um conceito científico. Eles observam e analisam as relações entre massa e energia, entre as partículas intra e extra-atômicas, os raios cósmicos etc., designando por matéria o substrato do qual a “massa” é a principal propriedade²⁶, mas abstêm-se de decidir se ela se compõe de corpos simples ou se é divisível ao infinito. A equivalência da energia com a massa ($e=mc^2$) implica que $m=$ eq.3, portanto que a matéria, em todas suas configurações, é um coágulo de energia.

A ciência moderna verificou experimentalmente o princípio da conservação da energia, dispensando-se de postular o caráter substancial do fundamento, ao passo que Epicuro só podia afirmar pela via especulativa a imutabilidade do todo, a objetividade do vazio e a indestrutibilidade dos corpos simples. Neste sentido, o atomismo envelheceu. Da noção antiga de *átomo*, a física contemporânea reteve o princípio de que tudo se transforma por composição, decomposição e recomposição de partículas corpóreas elementares. Entretanto, na filosofia moderna, sintomaticamente, foi o idealismo que retomou a noção de átomo: após haver inspirado Giordano Bruno, que definiu Deus como *monas monadum*, ela serviu de paradigma às mônadas de Leibniz, substâncias simples e incorpóreas que seriam os “verdadeiros átomos da natureza”.²⁷ Pertencendo à ordem das idealidades, o simples se presta para

²⁵ O estudo histórico-semântico do par *soma/corpus* no atomismo e no materialismo merece ser desenvolvido a partir do léxico de Lucrécio. Mas a empreitada ultrapassa nosso propósito neste artigo.

²⁶ Assim, no conciso texto “ $E=mc^2$ ” em que explica esta sua célebre fórmula, Albert Einstein escreveu: “De acordo com este princípio, a saber que as massas permanecem inmutáveis sob qualquer mudança física ou química, a massa pareceu ser a qualidade essencial (porque invariável) da matéria” (grifo meu). Embora aqui nos importe assinalar os contextos em que a palavra “matéria” é utilizada na física contemporânea, vale notar, quanto ao fundo, que, como assinala Einstein, o princípio da conservação da matéria foi ultrapassado pelo da conservação da energia. Cf. A. Einstein, “ $E=mc^2$ ”, in TIMOTHY FERRIS (org.), *The World Treasury of Physics, Astronomy and Mathematics*, Boston, Little, Brown, 1991, p. 58.

²⁷ A *Monadologia*, após definir mônada no § 1 (“substância simples que entra nos compostos; simples, isto é, sem partes”) argumenta no § 3 que “onde não há partes não há extensão, nem figura, nem divisibilidade possível”.

expressar, na geometria, a noção de ponto e, na metafísica, a unidade da substância espiritual, consciência ou alma. Claro que estamos aí no pólo oposto ao atomismo “somatista” dos antigos.

Em última análise, a linha de continuidade do epicurismo ao materialismo contemporâneo passa pelo reconhecimento de que o significado fundamental do ser é a matéria entendida como o substrato último. É evidente entretanto que, diferentemente de Epicuro, já não podemos mais identificar pura e simplesmente o fundamento ao corpo. O substrato é matéria, mas esta não é substância no sentido formal do termo. Não é, notadamente, o sujeito de uma essência: não podemos definir a matéria. Podemos apenas (o que, filosoficamente, não é pouco) sustentar que é o predicado universal ou, o que vem ao mesmo, o substrato do universo.

[recebido em fevereiro de 2004]